

SAPERE AUDE

EDITORIAL

Dossiê: FILOSOFIA: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

SAPERE AUDE – V. 7, N. 14, Jul./Dez. 2016

Os tempos de globalização e de pluralismo, em que vivemos, ainda constituem um desafio à cultura da diferença e à diversidade, pois, por si sós não garantiram uma autêntica pluralidade nem o respeito à diferença. Talvez pelo fato de que a lógica subjacente à globalização e ao pluralismo seja tão violenta quanto a lógica do pensamento único e universalista. Por outro lado, a “superação” da metafísica, a proclamação da morte de Deus e o fechamento no horizonte antropocêntrico como fonte de sentido acabaram gerando a crise de sentido e a cultura dos pequenos relatos. Como diz João Paulo II, a crise de sentido se dá, sobretudo, diante dos obstáculos à realização humana: “Entre os mais frequentes devemos mencionar a perda de confiança na razão e na sua capacidade de alcançar a verdade, a recusa da transcendência, o niilismo, o relativismo, o esquecimento do ser, a negação da alma, a supremacia do irracional e do sentimento, o receio do futuro e a angústia existencial”. Aqui pretendemos abordar tangencialmente o problema da diversidade e da diferença em três aspectos: o lógico, o ontológico e o cultural, numa busca de diálogo com a tradição.

Em nossas origens filosóficas, encontra-se uma célebre expressão aristotélica, segundo a qual “aquilo que é se diz abundantemente” (τὸ ὄν λέγεται πολλαχῶς – *Metafísica* 1028 a). Não querendo entrar na perspectiva aristotélica da substância e dos acidentes, do ato e potência e das categorias em geral, é preciso dizer com o Estagirita que, mesmo com todas as predicções e abordagens, restaria algo ainda para se dizer daquilo que é. O ser superabunda, é abundante, mas em todos os casos permanece a substância como referência última. Desse modo, a tentação e a violência do pensamento único que, não raras vezes se impuseram na história ocidental, mesmo que permaneçam ainda hoje, são desafiados a repensar originariamente as próprias origens. Se para Aristóteles, o conhecimento é uma tendência

humana por natureza (φύσει), é preciso dizer também que o conhecimento vai até as causas primeiras. Mas no momento presente, somos herdeiros de uma modernidade que aboliu o horizonte da transcendência e da metafísica, pela lógica da razão instrumental. Dialogar com a superabundância de tudo o que é significa, no contexto atual, romper com paradigmas e reencontrar o autêntico lugar da diferença. A sua legitimidade. A sua inalienabilidade. Pois afinal, no ser já se encontra a diferença.

Outro momento que me chama a atenção é a noção de natureza (*Metafísica*, 1014 b 16 – 1015 a 19). O termo vem do verbo grego φύω, que significa abrir-se, crescer e permanecer na abertura. Logo, a despeito de certas tradições em torno do termo natureza, sobretudo, aplicado à natureza humana, é preciso dizer que somos abertura, ou como diz De Finance, natureza humana é natureza aberta. Desse modo, culturalmente o ser humano se sobrepuja, instaura a diferença. Na mais profunda igualdade da natureza humana está a abertura como lugar da diferença, autêntica diferença que não se fecha num paradigma ou conceito. Relembro aqui uma das expressões que mais instigam a pensar. Em *Sein um Zeit*, a essência do *Dasein*, sua natureza, se revela sempre inacabada e preme de diferença, quando se afirma que o *Dasein* é a sua aperibilidade, sua abertura originária. Contudo, para não ficar preso ao antropocentrismo, trago aqui também a contribuição tomásica quando, ao dizer que a alma é a forma que dá unidade ao ser do homem e o constitui pessoa, afirma também que a graça não destrói a natureza, mas leva a cumprimento as suas potencialidades. Desse modo, na mesma tradição que gerou pensamento único e universalista, por uma pretensa inteligência universal acima de particularidades históricas, vamos encontrando elementos da diferença mais originária, antes mesmo das contribuições da Antropologia Cultural.

Terceiro momento nosso aqui é um aceno à Antropologia. Apenas um aceno. Mas um aceno tem caráter de simpatia, de afeto, de reconhecimento do outro. Só se faz um aceno de mão, plenamente entendido, ao reconhecer a diferença e a alteridade do outro. Assim, para além da abundância do dizer o que é e da abertura originária da natureza humana, tem sido uma luta – árdua e, por vezes, desigual – das várias diferenças para se estabelecerem em seu ser histórico e cultural. O trabalho de antropólogos, os movimentos sociais, a defesa da dignidade humana, com todos os paradoxos, são preferíveis ao pensamento monolítico de cunho moral e metafísico, para não dizer político e econômico. Segundo Geertz, “exorcizar demônios é uma prática que não deveríamos apenas estudar, mas exercitar também”. Talvez seja mesmo a hora de exorcizar o medo do relativismo cultural para devolver direitos fundamentais aos diferentes, às minorias, dignidade a determinadas classes sociais e povos em

várias partes do globo terrestre. Aqui reside um grande paradoxo, pois muitas vezes a defesa do direito à diferença pode ser confundida com a desigualdade, quando uma *élite* defende a diferença para justificar sua supremacia. Além do mais, a expressão diferença cultural é muito recente: de um lado vem usada para a defesa do direito à diferença, da dignidade humana, de direitos fundamentais; por outro lado, cada cultura – no mundo globalizado – espontaneamente está imbuída da lógica da complexidade, a partir do encurtamento das distâncias.

Por fim, gostaria de salientar que, quando se fala de diferença, é porque há uma igualdade fundamental. Somos diferentes porque somos iguais. Somos iguais na *phýsis* como abertura de sentido para a vida, mas diferentes na construção histórico-cultural de nós mesmos. Há ainda algo a se dizer aqui: a lógica monolítica do pensamento único é também uma tentação da diferença cultural. Quando analisamos o discurso da diferença e da diversidade, muitas vezes, apresenta o tom único e universalista que o oprime e o reduz à homogeneidade. Enfim, por isso tudo a que acenamos, é que se fala de dialogia e conjugação, de encontro e alteridade, de acolhimento e respeito, do além-do-homem.

Pe. Márcio Paiva